

O humor gráfico do jornal *Ovelha Negra*

Roberto Elisio dos Santos¹, Osvaldo da Silva Costa²

Resumo: Durante os anos 1970, enquanto o Brasil vivia um período de exceção política, surgiram diversos jornais que contestavam o governo militar e a censura por ele imposta. Um desses periódicos foi o *Ovelha Negra*, criado pelo cartunista Geandré. Para empreender esta pesquisa foram feitas entrevistas com artistas e o levantamento documental dos oito exemplares do jornal (publicados entre 1976 e 1977), a partir do qual se realizou a análise de conteúdo dos cartuns e textos. Constatou-se que, por ser um jornal basicamente de cartuns, ele inovou a imprensa alternativa da época, cujo conteúdo era predominantemente verbal; detectou-se, através dos gêneros do humor gráfico, sua diversidade temática. Verificou-se também que o uso do “humor rancor” contestava o regime ditatorial.

Palavras-chave: humor gráfico; imprensa alternativa; jornal *Ovelha Negra*

Abstract: During the 1970s, while Brazil experienced a period of political exception, various newspapers were created to challenge the military government and the censorship. One of these journals was *Ovelha Negra*, created by cartoonist Geandré. This research has been done using interviews with artists, a documentary survey of the eight numbers of the newspaper (published between 1976 and 1977) and the content analysis of its cartoons and texts. Being basically a newspaper cartoons, this printed vehicle innovated the alternative press of the time whose content was predominantly verbal. The research detected through the genres of graphic humor its thematic diversity and that the use of the “grudge humor” objected to the dictatorial regime.

Keywords: graphic humor; alternative press; *Ovelha Negra* newspaper

Os periódicos alternativos já eram de conhecimento dos brasileiros desde 1808, quando foi publicado o *Correio Braziliense*, favorável à independência do Brasil. Hipólito José da Costa escrevia, editava e administrava o jornal com formato de livro na cidade de Londres. Para Chinem, “os jornais da imprensa

¹ Professor (PPGCOM/USCS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4791878716750822>

² Mestre (PPGCOM/USCS)

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4201322A4>

alternativa eram os únicos canais disponíveis para a crítica e a informação independentes” (1995, p. 54). A vida efêmera era uma de suas características.

Já no final década de 1950 (anos JK), as mudanças nos campos político, econômico, cultural e na imprensa brasileira eram contextualizadas na revista *Senhor* (editada entre 1959 e 1964), que inovou no *design* de revista, revelando nova geração de artistas que se destacariam, nos anos 1960, na satírica *O Pif-Paf*, fundada por Millôr Fernandes em 1963, e em *O Pasquim*, a partir de 1969.

Os tabloides apareceram depois do golpe militar de 1964. Nos anos 1960, esse formato foi adotado não só pelo fator econômico, mas também pela questão prática: “argumentava-se que a redução do tamanho traduzia muito mais uma comodidade contingente à realidade das grandes cidades” (PIVETTI, 2006, p. 25). Por serem menores, comparados aos grandes jornais, eram logo reconhecidos nas bancas de jornais e livrarias. “Os frequentes ‘alternativos’ seriam jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 236), conservadora e subserviente ao novo regime. Nos cadernos alternativos, seu despojamento teve forte influência da política e da independência das revistas *underground* norte-americanas.

Na década de 1970, as publicações alternativas proliferaram com ideias inspiradas na filosofia e política da contracultura. *O Pasquim* (editado de 1969 a 1991) mudou a linguagem jornalística, pois tinha um texto pessoal, era satírico e gozador, fazendo um humor de costumes. Outros títulos lançados na época foram a revista *Bondinho* (de 1971 a 1972) e o semanário *Opinião* (veiculado entre 1972 e 1977). Com a censura, a caricatura política na imprensa estava sob censura no período. O retrato jocoso que havia desaparecido da grande imprensa voltou a ganhar espaço na imprensa alternativa, como linguagem de narrativa visual.

Jornal Ovelha Negra

Reunir cartunistas de todos os cantos do país era o objetivo desta publicação. A necessidade de inovação no mercado para o humor gráfico surgiu

depois do sucesso de *O Pasquim*. O cartum – *cartoon*, de acordo com Nieuwendijk (2001, p. 170), significa cartão e, da mesma forma “pode simplesmente ser chamado de um *sketch* engraçado” – tem espaço reconhecido no mercado editorial. É grande, aliás, “a preocupação dos colaboradores de ‘*Ovelha Negra*’ (O Globo, 1976, p. 32) em tornar o jornal mais um ponto de apoio para abertura de mercado, e uma nova publicação que logo no primeiro número reuniu mais de “cem trabalhos de cerca de 27 cartunistas e redatores”. Cerca de 70% do espaço das 24 páginas eram preenchidos por cartuns.

Geandré, em depoimento concedido em outubro de 2011, afirma que:

[...] o *Ovelha Negra* nasceu na cozinha do meu apartamento, onde acabara de me instalar, próximo ao centro de São Paulo. Por muito custo deixei Santos e me transferi pra capital com moradia fixa. A princípio, não sabia que ia contar com tantos cartunistas. Não foi difícil fazer com que participassem. Mesmo os cartunistas já consolidados participaram voluntariamente, como Reinaldo, Nani, Miran, Laerte, Chico e Paulo Caruso, Alcy, Edgar Vasques e outros.

Não houve um evento de lançamento. O destaque nos meios de comunicação já capitalizava a ideia do enunciado *Ovelha Negra*, no ano do seu nascimento, segundo Braga (1991, p. 68): “[...] em 1976 o país entra em compasso de espera, na expectativa das eleições do final do ano” e a grande imprensa, em cima do muro, praticamente reconhecia a novidade. “*Vem aí a Ovelha Negra. Pode começar a rir*”. Com essas palavras, Ernani Buchmann descreveu no *Diário do Paraná*, na página *Jornal de Humor* (Figura 1), editada pelo artista gráfico Miran, o lançamento do tabloide, em maio de 1976.

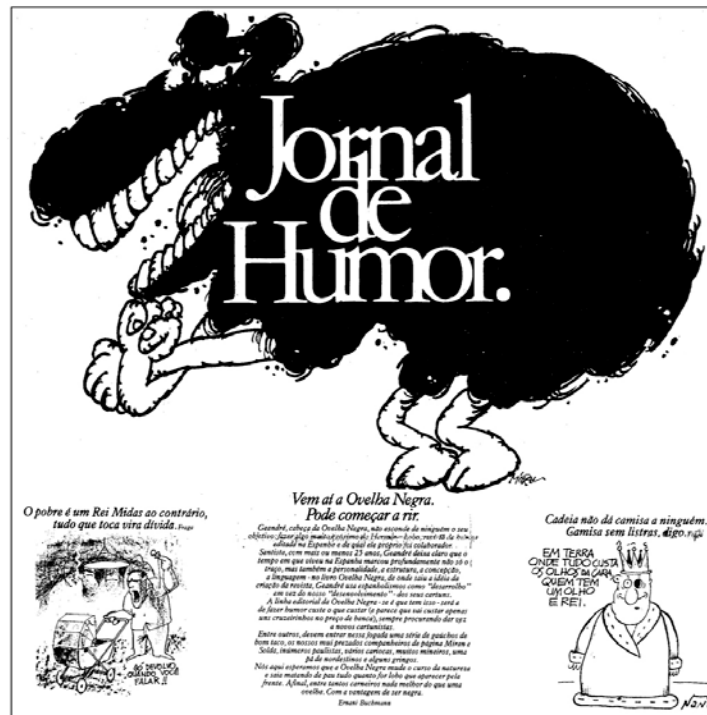


Fig. 1: Desenho da capa do Miran/ 1976
Fonte: *Diário do Paraná* (1976)

Ao assumir o posto de editor, Geandré acabou por fixar definitivamente em São Paulo o centro do jornal, recebendo colaborações de cartunistas de norte a sul do Brasil e também de convidados estrangeiros na seção “Humor sem passaporte”. A distribuição do *Ovelha Negra* era autônoma na cidade de São Paulo, no centro e nos bairros de Pinheiros e Vila Madalena, onde havia a maior concentração de universitários e artistas. Em um país com dimensões continentais, a história é outra, e um dos problemas da imprensa alternativa dos anos 1970 era a distribuição, como relata Geandré:

[...] a distribuição era feita por mim e o Wilson, sócio do Café Paris, com o Telmo Cortes, simpatizante do jornal. A comercialização no Rio era responsabilidade de pessoas que levavam os exemplares, e mal acertavam as contas. A questão de organização comercial não tinha como eu abranger. Às vezes os próprios cartunistas de outros estados, como Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, davam uma força, sem resultados, mas a venda estava nas bancas de rodoviárias, centros estudantis, livrarias, ou seja, a circulação era mais em São Paulo.

Bimestralmente, o jornal chegava às bancas, tinha uma forma editorial definitiva, com 70% do seu espaço usado por cartuns e os outros 30% em pequenos textos, contos de humor e piadas. Das 24 páginas, uma página e meia era publicidade de livrarias e cafés. Entre os tabloides, a intertextualidade era evidente na publicidade: os anúncios dos jornais funcionavam entre eles como forma de driblar, no mercado publicitário, o medo de divulgar veículos contrários ao regime vigente.

Os jornais alternativos, como já citado, tinham vida curta. E o *Ovelha Negra* também sofreu do mesmo mal. Depois da circulação dos quatro primeiros números no tamanho tabloide, devido à queda do número de anúncios e a problemas de distribuição é obrigado a migrar da Editora Alternativa Ltda. para a Vertente Editora Ltda., também mudando de formato para se adequar aos das revistas de quadrinhos americanas.

“A Imprensa de resistência”, como definiu o título da matéria publicada na revista da ABI para todo esse período da imprensa alternativa, é um reconhecimento da sociedade no que se refere à liberdade de ir e vir de jornalistas, escritores, cartunista e humoristas. Nas oito edições do *Ovelha Negra* foram encontrados 597 desenhos, seguindo o gênero do humor gráfico. No total, o jornal contou com 128 colaboradores, sendo 74 cartunistas, 26 jornalistas, 20 artistas estrangeiros e, na produção gráfica, oito profissionais.

Cartunistas estrangeiros eram convidados para participar do *Ovelha Negra*, na seção título “Humor sem Passaporte”, uma página diagramada com uma pequena apresentação do artista e seus desenhos. O cartunista espanhol Chumy Chumez (pseudônimo de José Maria Gonzáles Castrillo, que também trabalhou como escritor e diretor de cinema) foi o estreante e inspirador do “humor rancor”, uma linha estilística que Geandré adotou no jornal. O humor gráfico no tabloide proporcionou mudança de sentidos na sua orientação e estilização, experiência que Geandré viveu em alguns países da Europa, o “Humor Rancor”, diferenciado da imprensa pasteurizada. Para Geandré:

[...] humor rancor é de pegada, era direto, sem sutileza. Com ou sem palavras era muito realista, buscava sentido para o que acontecia no

país. As ditaduras vividas pela Espanha, Portugal e Grécia na época exigiam para os humoristas locais um cartum quase tão imediato como a ação desses governos e do Brasil. Fazíamos um humor politizado e não político. Político é quando já se torna formalizado. Carreirista, partidarismo. Politizado é conteúdo, essência, letrado, postura. O humor rancor era uma resposta ao sistema o desqualificando ao desmistificá-lo.

Características do humor gráfico do *Ovelha Negra*

Em 1974, Geandré retornava do continente europeu de navio quando teve a idéia de lançar um jornal dedicado ao cartum. O jornal *Ovelha Negra* foi inovador, na opinião do Geandré, porque não houve “um veículo que, até então, na história da imprensa brasileira, fosse exclusivamente dedicado ao humor gráfico”, fora dos padrões da imprensa diária, criando um novo mercado editorial. A postura ética do jornal era fazer humor sem seguir um posicionamento político ou partidário. Era uma nova linha estilística de fazer desenho de humor sobre o regime autoritário:

[...] o logotipo do *Ovelha Negra* foi criado dentro de uma concepção visual simples, clara e de fácil assimilação. Tal formalismo se deve à própria linguagem do humor direto, como foi a proposta do veículo. Tivemos como *slogan* “um jornal sem confete e serpentina”.

O título no cabeçalho do jornal, em duas linhas, alinhado e à esquerda, tinha como subtítulo o *slogan* centralizado em corpo menor. À direita do logotipo, a ovelha, desgarrada do bando e com olhar desafiador, observa com desconfiança o que é profano e sagrado na situação política, cultural e social, e também, por que não, a renovação do mercado comunicacional impresso (Figura 2). É um símbolo e um ícone contracultural.



Fig. 2: Logotipo do *Ovelha Negra* nº. 1, feito pelo cartunista Geandré / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

O símbolo da publicação encontra sua libertação no tabloide através da pena de vários artistas. Seguindo a linha estilística do logotipo na segunda edição, o risível torna-se evidente na ovelha. Ela mostra os dentes num sorriso sarcástico, atrevida e inconformada. O custo de vida do brasileiro é destacado na faixa preta em diagonal, à direita. O logotipo, que mudava a cada edição, teve como autores Geandré, Angeli e Henfil, que fez o definitivo: a ovelha abrindo um sorriso e encarando o sistema de frente.

Quando o tabloide mudou de editora, por razões estratégicas, o logotipo sofreu uma alteração no seu formato, mantendo sua tipografia. A palavra “Negra” foi materializada no personagem, que se manteve à direita do logotipo, na mesma altura. Inovando para se adaptar à área de impressão, ela fica mais evidente. “Livresco de humor”, novo *slogan* no subtítulo (Fig. 3), é uma referência ao novo formato que mais se aproxima do livro. E também foi substituído nos números 6 e 7 por “Magazine do Humor”, associado ao formato revista.



Fig. 3: Logotipo do *Ovelha Negra* nº. 5 / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Capas e formatos

A cor plana na capa do periódico destacava os cartuns. A escolha da matiz é livre, sem um pré-projeto definido ou escala tonal. O que importava era sua presença destacada nas bancas. Entre leitores e colecionadores, a cor da capa identificava o número das edições. Mudando de pastagem, a ovelha saiu do formato tabloide A3, “econômico e mais prático que o formato *standard*” (COLLARO, 2007, p. 60), com superfície impressa de 250 mm x 350 mm, para o “formato americano” de revistas HQs, 170 mm x 260 mm. Em destaque, os formatos (Fig. 4).



Fig. 4: Formato tabloide e revista / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Na capa do número 4, desenho de Batson, o antropomórfico porco capitalista remete aos carnavais da Idade Média através dos textos de François Rabelais, analisados por Bakhtin: “O corpo grotesco se mistura não apenas aos motivos cósmicos, mas também aos motivos históricos de uma sociedade utópica e, principalmente, aos da sucessão das épocas e da renovação histórica e da cultura” (2010, p. 284). Não é o carnaval, é apenas uma caricatura do milionário economizando os tostões.

Piadas e chistes, à esquerda na base da capa, dão uma pista do conteúdo comunicacional do tabloide. O número 5, em novo formato com fundo azul, destacando o cartum do Geandré, faz um comentário humorístico do momento político no Brasil que caminhava, a passos lentos, para o processo de abertura e liberdade de expressão. E um dos temas descobertos pela “imprensa para criticar o governo é o das mordomias: enormes despesas de manutenção e representação feitas pelos ministros, com verbas públicas” (BRAGA, 1991, p. 68).

Editorial

Tradicionalmente, o jornalismo textual é complementado por ilustrações – caricaturas, charges, cartuns, tiras cômicas, fotografias e mapas, atreladas a um fato noticioso, por causa da intertextualidade jornalística. O humor gráfico no *Ovelha Negra* não segue uma linha editorial. Os desenhistas não possuíam uma fórmula para pautar o jornal. O desenho autoral característico do humor gráfico narra os fatos – economia, educação, humor negro, indústria cultural, liberdade e repressão, meio ambiente, miséria, relações de trabalho, sexo, tecnologia, entre outros, sempre com acentuada carga visual e crítica.

Os editoriais do *Ovelha Negra*, dispostos na página 3, não eram textuais. O comentário era gráfico: os cartuns, por serem diretos no seu ato comunicacional não verbal, faziam paródias como no desenho da ovelha tosqueada. No revezamento dos cartunistas, na estilização e no contexto da ovelha, seguia o perfil e a linha do jornal. Na base da página de editorial, o “cartão de ponto” é o expediente do jornal com nomes dos colaboradores. Esse rebanho de cartunistas, jornalistas e escritores se alternava como redator.

A categorização temática dos cartuns

A partir de análise do humor gráfico publicada no jornal *Ovelha Negra*, pode-se fazer a categorização dos cartuns por seus temas: economia, educação, humor negro, indústria cultural, liberdade e repressão, meio ambiente, miséria, relações de trabalho, sexo, tecnologia, entre outros.

Economia

Tratar de questão econômica em meados dos anos 1970: o “milagre econômico começa a arrefecer. A inflação em 1974, associada “à política irresponsável de endividamento externo, lança a economia brasileira novamente em crise” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 284). A alta era sentida no preço dos alimentos. As linhas cinéticas causam susto e espanto numa mesa de jogo de cartas (Figura 5). Na fala do protagonista, o apêndice do balão é aberto em três linhas paralelas, sobrepondo a moldura com a enfática prosódia “um kilo de carne!”.



Fig. 5: Desenhado por Chico Caruso – *Ovelha Negra* nº. 2 / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

O bife batendo na mesa é quanto pesa o valor da carne, que ocasiona a cena impactante. Os interlocutores ocultos recuam da mesa, são seus adversários, retrucando através de balões de fala o jogo pesado. Na imprensa diária esse desenho pertenceria ao gênero charge, pois noticia um fato, que o quilo da carne é moeda de troca no mercado e, por isso, tem valor negociável na transgressão de espécies. A linha irregular da moldura parece vibrar com a pancada da carne na mesa assustando os adversários do jogo.

Educação

Metade do tabloide (Fig. 6) foi dividida em cinco partes na parte superior da página. Um cabeçalho com título ornamentado é a abertura do tema; abaixo, à esquerda, há uma HQ humorística em quatro cenas. Na direita, separados por uma barra, aparecem mais três cartuns temáticos na horizontal. O questionamento da reforma do ensino visa a mostrar, de forma cômica, o ensino que o governo tenta pôr em prática e como é socialmente aplicado, ainda tropeçando no “Caminho Suave”, título de cartilha tradicional.



Fig. 6: Desenhos de Geandré editados no *Ovelha Negra* nº. 3 / 1976
Fonte: *VELHA NEGRA* (1976)

A sala de aula é cenário e comentário do ensino no tempo do governo repressor. Nessa HQ curta, a utilização da régua de referência métrica pode ter outras funções didático-pedagógicas repressoras. No cartum à direita, universidades sem vagas são mote de glosa do cartunista, como também a reforma no bolso traseiro do professor. E comprar diploma ainda é um expediente com a máxima de encurtar a carreira acadêmica por atalho.

Humor negro

O humor gráfico através de linguagem humorística imagem/texto também possui cor, o humor negro. Com a Primeira Grande Guerra do século XX na Europa, de 1914 a 1918, provou-se que é possível rir-se de tudo. Muitos

artistas estavam nas trincheiras durante as batalhas. Os valores humanos acabavam no *front*, sem muita expectativa de vida. Do horror da guerra nasce o humor negro, transformando tudo em derrisão. Como na Figura 7, desenhada em contrastes fortes e linha clara, sem textura na impressão. Ela tem no seu topo uma forma abstrata para definir a borda em contrapeso à fala do protagonista abaixo do desenho.



Fig. 7: Desenhado por Chumy Chumez – *Ovelha Negra* n.º. 1 / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Nessa cena cínica, uma pessoa mais abaixo vai ser atingida por uma enorme garrafa, mas ela agradece com um sorriso a cordialidade do agressor. Não se sabe o que ocorreu antes dessa cena congelada. No momento do pronunciamento, o futuro ou o final desse desenlace, que será nada agradável para o homem agradecido, fica por conta da imaginação do leitor.

Indústria cultural

Outros cartuns apresentam uma versão crítica aos meios de comunicação de massa, especialmente a TV, que havia se popularizado. É o caso da Figura 8, na qual uma família unida acompanha cada desfecho da novela sem notar a presença do ladrão. É nos folhetins do século XIX, histórias de leitura rápida, que as telenovelas atingem grande sucesso nos anos de 1970. A estilização da família defronte ao televisor, caricatural e cômica, com muita naturalidade provoca espanto e frustração no salteador. O ato comunicacional do cartum é

não-verbal, gestual. O dedo indicador, transversal à boca, faz o sinal de silêncio, somado a uma pronúncia onomatopaica das consoantes “sssh”. A televisão, considerada ópio do povo, anestesia a população dos problemas brasileiros. Tudo é censurado.



Fig. 8: Desenhado por Nicolíelio – *Ovelha Negra* n°. 2 / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Liberdade e repressão

A tortura ainda era uma prática do regime no ano de 1976. O texto no desenho da Figura 9, em duas linhas, usa um termo pronunciado por funcionários públicos fora da área de serviço, que virou motivo de piada. Na esquerda do cartum, uma mão estende ao torturador, funcionário do governo, uma garrafa de bebida destilada que é negada durante o seu expediente de trabalho. Esteticamente, é um desenho desproporcional no conjunto, quase infantil. A reprodução xerocada de um vasilhame de *whisky* completa a composição. O contorno irregular no desenho e na moldura produz uma cena emocionalmente forte. O riso é contido e contestatório ao não cumprimento dos direitos humanos no ato de interrogar.



Fig. 9: Desenhado por Chinem – *Ovelha Negra* n°. 1 / 1976

Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Meio ambiente

A poluição e a devastação da natureza já eram denunciadas pelo humor gráfico, como na estampa da Figura 10: na vertical, o cenário insalubre e escuro, o meio urbano transpassado por um trânsito neurótico, poluído e barulhento. Em perspectiva, a rua termina numa avenida expressa, cujas linhas horizontais sugerem a velocidade no trânsito, contrastando com as linhas verticais que identificam os edifícios e o espaço urbano.



Fig. 10: Desenhado por Edgar Vasques – *Ovelha Negra* n.º. 3 / 1976
Fonte: *OVELHA NEGRA* (1976)

Nessa paisagem quase realista, o personagem “Gastão, o perguntador”, do cartunista Edgar Vasques, questiona o ambiente de trabalho do operário que trabalha no esgoto. A relação de viver nas grandes cidades com suas esquizofrenias e sons, como sirenes, buzinas, apitos, máquinas é tão insalubre como trabalhar em um túnel abaixo dela nessa associação convergente de imagem/texto.

Tecnologia

A caricatura do personagem e da máquina, um protótipo de ponto eletrônico, é delineada de forma imprecisa na pequena tira de dois andares mostrada na Figura 11. No primeiro desenho, o gesto com o indicador ativa a grande máquina que, em resposta, com um enorme indicador, esmaga o funcionário. O tempo da narrativa é dividido em duas cenas. O oprimido, escravo do trabalho, é representado pelo elegante homenzinho de paletó. O opressor pode ser o dedão do chefe, eliminando mais um funcionário da sua receita do trabalho.

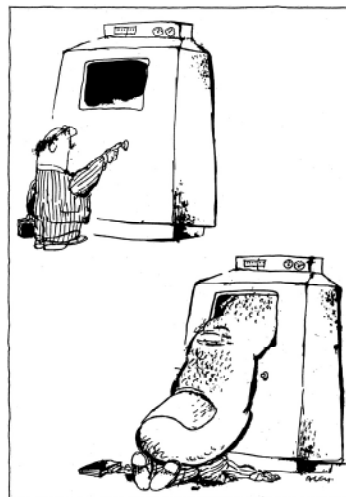


Fig. 11: Desenhado por Alcy – *Ovelha Negra* n.º. 1 / 1976
Fonte: *VELHA NEGRA* (1976)

Considerações finais

Tendo como objeto os oito números do jornal *Ovelha Negra* – de maio de 1976 a agosto de 1977 –, pôde-se constatar sua diversidade temática, tendo que inovou a imprensa alternativa da época por ter sido um jornal basicamente de cartuns realizados por artistas de todos os pontos do País e do exterior. Por meio do humor, posicionou sua convicção e vocação democrática.

Idealizador e editor do periódico *Ovelha Negra*, Geandré conseguiu reunir cartunistas brasileiros e estrangeiros, todos voluntários, e utilizou o humor gráfico como instrumento social para atingir novos leitores e admiradores. Nos tabloides do mesmo período, o texto e a fotografia ocupavam

maior espaço. As inovações do *Ovelha Negra* em relação às outras publicações eram ter em sua superfície impressa 70% de cartuns e 30% de pequenos textos. Esse foi e é o seu diferencial.

A partir do *corpus* levantado, foram identificados alguns paradigmas temáticos recorrentes, nos quais podem ser agrupados os cartuns editados no jornal *Ovelha Negra*. Entre as seções, destacavam-se “Humor sem Passaporte”, em que os cartunistas estrangeiros eram apresentados; a seção de cartuns eróticos, onde brasileiros e estrangeiros dividiam o espaço, tem o nome “Porno Chopp”. “Mistura Fina” é uma seção de temas livres por causa do volume de trabalhos, criados a partir da segunda publicação para a sua organização.

O cartum mudo e o falado que são encontrados no tabloide fazem parceria com a paródia gráfica para a inovação da estética e estilização do desenho de humor e seus tipos de representação. As categorias foram formalizadas no estudo para detectar tipos e identificar abordagens de temas que vão da economia até educação, trabalho, indústria cultural entre outros, através da linguagem gráfica do desenho cômico.

Os profissionais do humor gráfico, por atuarem em seus estúdios, não militavam em partidos políticos, não participavam de congressos iguais, como os editores de outras publicações alternativas. Essa independência dava mais liberdade ao próprio jornal e permitia que os cartunistas se posicionassem diante da situação que o país atravessava: a repressão, a censura, a delação e o confinamento.

Pode-se afirmar, portanto, que a linha estilística do “humor rancor” adotada por Geandré objetivava fugir da padronização da grande imprensa – no desenho, a configuração é inacabada, o seu humor é direto para melhor entendimento do seu conteúdo, a crítica é dirigida ao inimigo imediatamente detectado. Por meio de suas páginas, a renegada *Ovelha Negra*, contestadora do regime autoritário, deixa um legado histórico dos anos em que o País foi levado pelo embuste do milagre econômico.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 20010.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: Editora Unb, 1991.
- CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática (Série Princípios, 250), 1995.
- DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. (org.). *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- NIEUWENDIJK, Peter. Several ways of making a cartoon (with 26 examples). In: *Internacional journal of comic art*. vol. 3, n. 1, Drexel Hill: Ijoca, Spring 2001.
- O GLOBO. Jornal. Rio de janeiro: O Globo, 1976.
- PIVETTI, Michaella. *Planejamento e representação gráfica no jornalismo impresso. A linguagem jornalística e a experiência nacional*. 2006. Disponível em:
http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/File/dissertacoes/2006/2006-me-pivetti_michaella.pdf. Acesso: 30/9/2011.